

INTERAÇÃO SOCIAL EM SALA DE AULA: REPENSAR O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DESTA REALIDADE

Viviane Aparecida Bernardes de Arruda¹

RESUMO

A interação social acontece, seja ela positiva ou negativa. As causas para que ela se torne negativa dependem das circunstâncias que se encontram em cada contexto. Este trabalho procura analisar como o professor pode interferir no processo de interação em sala de aula, sendo ele um mediador das relações, utilizando a ação pedagógica, buscando combater as dificuldades existentes em seu interior, como por exemplo: a questão da marginalização para com os alunos, o preconceito e a discriminação. Para o levantamento de informações ao objeto de estudo, foram realizadas observações semiestruturadas e não participantes em duas turmas de 4^o ano em uma escola municipal de rede pública e aplicado, a duas professoras regentes dessas turmas, um questionário. Ao procedimento de análise dos instrumentos utilizados, estão associadas reflexões sobre a atuação do professor em sala de aula, o que ele utiliza como auxílio para ajudar a combater os fatores negativos presentes na interação social, se ele faz uso de práticas pedagógicas que beneficiem a interação social para que ela venha a ser positiva. E como ocorre a relação entre professor/aluno e aluno/aluno. Portanto, o estudo poderá servir como subsídio para que professores possam refletir sobre sua prática, analisando as situações negativas e, se possível, buscar interferir a fim de melhorá-las.

Palavras-chave: Interação Social. Professor. Aluno.

ABSTRACT

The social interaction happens, positive or negative. The causes for it to become negative depending on circumstances that is in each context. This paper analyzes how the teacher can affect the process of interaction in the classroom, being a mediator of relations, using the pedagogical action, seeking to combat existing problems within, for example: the issue of marginalization with students, bias and discrimination. For the collection of information to the object of study, observations were conducted semi-structured and non-participants in two groups of 4th Year in a municipal school of public and applied the questionnaire to two teachers groups. To review process of the instruments used, are associated with reflections on the role of the teacher in the classroom, which he uses as an aid to help counter the negative factors present in social interaction, if it makes use of pedagogical practices that benefit the interaction social so that it will be positive. And how does the relationship

¹Graduada em Pedagogia e Pós- graduada em Gestão Escolar pela Faculdade Catuaí- PR e Educação Especial: Atendimento às necessidades especiais pela Faculdade Iguazu- PR (ISFACES). Professora da rede municipal de Londrina / PR e da rede municipal de Cambé/ PR. Supervisora do PIBID PEDAGOGIA UEL. E-mail: vivianebernardesarrruda@gmail.com

between teacher/ student and student/ student. Therefore, this study could serve as an aid for teachers to reflect on their practice, examining the negative situations and, where possible, seek to interfere in order to improve them.

Keywords: Social interaction. Teacher. Student.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema “Interação social em sala de aula: Repensar o papel do professor diante desta realidade” tem como finalidade analisar de que maneira o professor pode intervir em situações em que o aluno demonstra ter dificuldades de interagir no ambiente da sala de aula, para que, portanto, não ocorra uma marginalização do mesmo, buscando identificar quais práticas pedagógicas o professor utiliza, a fim de minimizar a marginalização, contribuindo para que a interação social venha a ser positiva. Desta maneira, o foco da pesquisa remete-se à interação entre aluno/aluno e aluno/professor.

O embasamento para a realização deste trabalho se dá com o auxílio de pesquisa bibliográfica, observações semiestruturadas e não participativas realizadas em duas turmas de 4º Ano de ensino público e aplicação de questionário a duas professoras regentes das mesmas. “A partir do uso de técnicas como observação, participante ou não-participante, entrevistas, questionários, coleta de depoimentos, estudos de caso, o pesquisador busca as informações sobre o objeto de estudo”. (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 75).

A escolha do tema se deu após serem realizados estágios supervisionados de observação em uma escola de rede regular pública de Anos Iniciais, na qual foi possível analisar a carência da interação social positiva em algumas salas de aula, entre professores/alunos e alunos/alunos.

[...] quando duas pessoas se encontram, há um mútuo “levar de um lugar para outro”: o meu interlocutor me leva para sua perspectiva, eu o trago para minha, e assim o conteúdo da nossa conversa vai se acumulando de informações enriquecedoras. (NOVASKI, 1986, p. 12).

É importante enfatizar que o professor é um integrante nesse processo, além de ser um mediador. Acredita-se que existam várias maneiras do aluno expressar suas “angústias” no ambiente da sala de aula, que poderão interferir em sua interação com os demais indivíduos. Novaski (1986, p. 14) afirma que: “[...] é necessário, [...] que o professor esteja atento aos apelos no mais das vezes não são verbais”.

Partindo deste pressuposto, o trabalho de pesquisa torna-se conveniente com a finalidade de contribuir para possíveis respostas, como: quais as causas que influenciam na interação negativa? Como o professor, em sala de aula, pode intervir? Como trabalhar o respeito mútuo com os alunos?

O professor, atuando em sala de aula, precisa interagir de modo que auxilie na construção do indivíduo para viver em sociedade, ajudando em um processo que envolva a autonomia do aluno e a interação com o meio, contribuindo para a formação social. Em relação ao trabalho do professor, Pimenta (2005, p. 15), relata que:

[...]na sociedade contemporânea cada vez mais se torna necessário o seu trabalho enquanto mediação nos processos constitutivos da cidadania dos alunos, para o que concorre a superação do fracasso e das desigualdades escolares.

Este estudo não tem como finalidade culpar o professor ou criar uma “fórmula secreta” que possa acabar com os problemas na interação social. Mas, como foi dito anteriormente, será tentar buscar alternativas pedagógicas que possibilitem diminuir o índice negativo da interação social em sala de aula; “[...] o professor deve ver sua aula também como um encontro de gente com gente”. (NOVASKI, 1986, p.14).

2 INTERAÇÃO SOCIAL: BREVE DIÁLOGO

2.1 O que é interação social?

A interação social pode ocorrer na comunicação entre dois ou mais indivíduos. O ambiente de estudo é a sala de aula, que está inserida no âmbito escolar. Neste contexto, os indivíduos estudados serão alunos e professores que

convivem entre si em um processo de interação social contínuo.

Mas, como definir interação? “Na linguagem cotidiana, interação significa atos, ações, atividades e movimentos inter-relacionados de dois ou mais indivíduos.” (OUTHWAITE, BOTTOMORE, 1996, p.391). Desta forma, pode-se dizer que a interação acontece em contato com o outro? Sim, pois ocorre uma relação com outro indivíduo, seja pela linguagem, por gestos e símbolos, sendo ela benéfica ou não. Porém, como definir interação social? Segundo Oliveira (2000, p. 31): “A forma mais típica de interação social [...] é aquela em que há influência recíproca entre os participantes”.

Portanto, a interação social realmente acontece quando existe uma comunicação entre os indivíduos, na qual são trocadas informações que os façam compreender o que o outro diz, ou pelo menos os levem a refletir sobre as ações do outro, desenvolvendo o conhecimento. Em outras palavras, ocasionando reações, ações e por fim, chegar a uma influência mútua, gerando mudanças por parte dos mesmos.

A partir do momento em que o indivíduo é inserido no mundo, ele está interagindo com a sociedade. A educação recebida pelos pais, avós, tios, irmãos, as crenças, o reconhecimento do que está a sua volta, irá proporcionar a sua socialização, ocasionadas pelos contatos sociais e pela interação social. “A comunicação social é por vezes chamada de comunicação interativa”. (OUTHWAITE, BOTTOMORE, 1996, p.391).

Deste modo, a interação social pode ocorrer entre duas ou mais pessoas, seja na escola, na igreja, na farmácia, em casa, no campo de futebol e em diversos ambientes, e com sujeitos variados. “A interação social pode ocorrer entre uma pessoa e outra, entre uma pessoa e um grupo ou entre um grupo e outro”. (OLIVEIRA, 2000, p.31).

2.2 O aluno como sujeito histórico

O aluno é um sujeito histórico, tem sua própria cultura, que vai se construindo gradativamente no meio em que vive, adquirindo valores, conceitos, desenvolvendo sua própria concepção de mundo. Neste aspecto, ele se desenvolve cultural e historicamente, em meio à sociedade.

A realidade do aluno é levada para a sala de aula. O professor, neste sentido, necessita criar possibilidades para que o aluno se expresse, por meio de experiências e relatos que contribuam para a interação do grupo, “[...] as trajetórias humanas sociais, coletivas, de classe, gênero, raça e idade, dos setores populares estão estreitamente emaranhadas com suas trajetórias escolares”. (ARROYO, 2004, p. 82).

Desta forma, a “união” entre a teoria e a realidade deve prevalecer de modo que facilite o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Freire (2001, p.94), “[...] a teoria e a prática críticas tomam como ponto de partida a historicidade do homem”, ou seja, mais uma vez se enfatiza a importância do reconhecimento do aluno enquanto ser histórico.

Em relação ao reconhecimento da historicidade do sujeito em encontro com a realidade, é relevante dizer que, aos poucos, este processo de “reconhecimento de mundo” faz com que se surja a conscientização crítica da realidade vivida. Freire (2001, p.90) define a conscientização como “uma captação correta e crítica dos verdadeiros mecanismos dos fenômenos naturais ou humanos”.

A todo tempo existem transformações na vida do ser humano. A criança muda, as ideias e opiniões, conseqüentemente, podem mudar. A sociedade em si não é a mesma de ontem. “Somos filhos do tempo, da cultura e... dos processos educativos que as sociedades criam e recriam.” (ALENCAR, 2001, p.99).

Portanto, o professor tende a compreender a realidade existente, se possível verificando os exemplos de sua própria sala de aula, onde cada qual age de uma forma, possui uma cultura e determinados valores embutidos em si próprio. Deste modo, pode-se analisar que a realidade dos alunos está aliada às vivências escolares, uma não é separada da outra.

O aluno, ao sair do ambiente familiar para se interar no escolar, está sujeito a encontrar situações diferentes de sua realidade de vida com as quais o mesmo não está acostumado a se deparar. “Quando a criança chega à escola, ela já traz consigo experiências, atitudes, valores, hábitos de linguagem, que constituem e refletem a cultura de sua família e de seu meio social”. (HARPER, 2003, p.75).

Enquanto mediador, neste processo de interação, o professor necessita estimular o aluno o tempo todo, ou seja, estar entre o desenvolvimento e o

conhecimento. Assim, o conhecimento vai se construindo a cada atribuição, por meio da comunicação, no meio social em que o aluno se encontra e convive. “[...] Cabe ao educador, a tarefa de fazer a mediação entre a criança e o conhecimento acumulado em uma cultura, possibilitar que a criança construa conhecimentos (acerca do mundo físico e social e de si mesma [...]). (REGO, 1998, p.51).

De acordo com Harper (2003, p. 77): “As crianças e os jovens se enriquecem, diariamente, com experiências e conhecimentos adquiridos fora da escola”. Desta maneira, faz-se necessário reconhecer o aluno como sujeito histórico, considerando que o mesmo possui outras bases como referência de vida, a escola é apenas uma delas.

3 O CONTATO COM A REALIDADE

3.1 Primeiro contato: A sala de aula

No dia 11 de junho de 2010, em uma sexta-feira, ocorreu a primeira observação a campo, realizada com um 4º ano, em uma escola pública no período matutino. A turma possuía 30 alunos matriculados, porém, no dia da observação, estavam presentes 24 alunos. Esta turma será nomeada como 4º ano A. Neste dia, logo que o sinal da escola tocou, os alunos de todas as classes fizeram fila em frente às suas professoras para cantarem o Hino Nacional e fazerem a oração do Pai Nosso. Após este acontecimento, ainda em fila, os alunos caminharam em direção às salas de aula.

Ao entrar na sala de aula, a professora disse aos alunos que iria ser realizada uma pesquisa para a faculdade e que a colaboração deles era muito importante para o desempenho da pesquisa. Em um primeiro momento, a professora escolheu um aluno para ser presidente de sala para aquele dia, seguindo a lista de chamada como critério. Depois, propôs uma atividade que estava escrita em uma tira de papel e tinha o seguinte enunciado: “Tema: uma história fantástica. Cenário: um museu. Personagens: você e os objetos do museu. Situação: é noite. O museu fecha e você está escondido em uma das salas. Objetos ganham vida, se comunicam, contam suas histórias... Desenvolvimento: o que você viu? Como tudo começou? Quem conta as histórias? Que aventuras viveram? Como saiu de lá?”. A

professora leu a atividade explicando para os alunos como deveria ser feita e disse para usarem a imaginação e não copiarem de seus colegas de classe. Pediu para colarem a tira em uma folha de papel e criarem uma redação. Os alunos mostraram-se estimulados com a proposta da atividade.

Após terminarem, a professora convidou um aluno para ler a história criada por ele na frente de todos. Como muitos alunos queriam, ela apontou uma aluna para ler. Ela começou a ler, mas no meio da leitura disse que aquilo era chato e que preferia contar a história que criou sem ler, dramatizando. Neste momento, ela olhou para os alunos e começou a dialogar com eles, contando a história de forma espontânea e segura. Ao terminar, ela agradeceu, e todos que estavam na sala de aula aplaudiram. Assim, outros alunos foram sendo convidados pela professora para lerem para os colegas de classe.

O intervalo ocorreu das 09h45m até as 10h00m do período matutino. Depois do intervalo, a professora propôs um exercício no caderno de matemática que era para os alunos lerem os números escritos no quadro-negro. A correção também aconteceu com a participação de muitas crianças, assim, como na primeira atividade do dia, os alunos iam dizendo as respostas e um aluno escrevia no quadro-negro, por extenso.

No decorrer da aula, um aluno se recusou a fazer a atividade proposta pela professora e abaixou a cabeça na carteira, alegando que seu caderno de matemática tinha acabado as folhas em branco e ele não queria escrever em uma folha separada. Neste momento, um aluno, a pedido da professora, foi até a sala da pedagoga da escola pedir a ela um caderno novo para seu colega de classe. Ele volta sem o caderno, que é trazido, em seguida, pela pedagoga. Para finalizar a aula, a professora fez um ditado de números. Quando o sinal da escola bateu, foram feitas duas filas na porta da sala de aula separando os meninos das meninas, no momento em que a professora autorizou, os alunos saíram.

A observação continuou na mesma escola, no mesmo período mas em outra turma, que será nomeada como 4º ano C, com 28 alunos matriculados. No dia da observação, 24 de junho de 2010, em uma quinta-feira foram 26 alunos para a aula.

Foi entregue, pela professora, aos alunos uma folha contendo sete figuras que simbolizavam uma explosão de fogo, uma explosão de flores, duas

bombas más, uma bomba que tinha um coração, um coração, um coração com olhos nariz e boca, e um avião. Conforme a professora passava no quadro o texto, que se chamava “ A bomba boa”, os alunos utilizavam as figuras que eles recortaram e pintaram da folha entregue pela professora, para irem montando o texto. A atividade durou até o horário do intervalo.

Após o intervalo, a professora conversou com os alunos sobre o que eles entenderam da história, e disse que as figuras coladas por eles não foram coladas por todos igualmente, já que cada um interpretou do seu modo a história e que isso era significativo para o aprendizado e crescimento de cada um. Alguns alunos questionaram a professora se a colagem das figuras realizadas por eles estavam corretas ou não, a professora respondeu: “Nesta atividade o que importa é o que vocês entenderam o coração, a bomba que vocês acharam serem as corretas para colar embaixo das frases é a opinião de vocês, portanto ninguém errou, já que cada um tem uma opinião”.

Em seguida, ela propôs aos alunos que criassem uma redação baseada na história da bomba boa, mas tinha que ser uma história diferente, utilizando o que eles também conheciam das guerras que a todo o momento passavam na televisão. Os alunos dialogaram muito nesse momento, mostrando os seus conhecimentos, curiosidade e criatividade.

Depois da correção do exercício de matemática, a professora passou outro no quadro- negro “Escreva por extenso”. Este exercício os alunos não conseguiram terminar e ele ficou como tarefa, o sinal indicando o horário de saída dos alunos tocou, os alunos guardaram o material escolar e a professora escolheu de acordo com a fileira de carteiras, quais alunos sairiam primeiro, a fileira mais quieta.

Analisando as situações que aconteceram no 4º ano A, pode-se notar que a professora promoveu com seus conhecimentos e experiências, a interação positiva em sala de aula. Ela utilizou como recursos didáticos em suas aulas, textos reflexivos, músicas e atividades dinâmicas, em que os alunos participaram demonstrando aos seus colegas de classe e à própria professora o que fizeram, como um dos exemplos que foi citado anteriormente, contar a história que cada um criou para toda a classe, e até mesmo em atividades com as quais a professora fez com que ocorresse o diálogo, a troca de opiniões entre os alunos e

com ela mesma.

Porém, nesses diálogos também existiram fatores negativos, pois, em determinados momentos, a opinião de cada um falava mais alto, por exemplo no momento em que a professora escolheu o presidente de sala os alunos discutiram para ver quem iria ser escolhido. Porém a mesma escolheu um aluno por ordem de chamada, um dos alunos se irritou e disse ao colega escolhido: “ Você é burro ! ”, o aluno revidou com a seguinte frase: “ Ninguém é burro!”, a professora interferiu nesta situação: “ Ninguém nasce sabendo, estamos aqui para aprender!”.

Com essa situação nota-se que esses acontecimentos interferem para que a interação social ocorra de maneira positiva, gerando, na maioria das vezes, a marginalização de algum aluno acabe se sentindo inferiorizado com as palavras do colega de classe que o ofendeu. Mas a intervenção pedagógica da professora demonstrou ser fundamental para que a interação fique equilibrada e não tome um rumo dificultoso. Desta forma, gradativamente, os alunos constroem, por meio do diálogo, o respeito mútuo entre eles.

As vezes, mal se imagina o que pode passar e representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 1996, p.42).

A todo momento esta professora procurou intervir quando necessário, não deixando que a situação se agravasse, e isso ela fez com o auxílio do diálogo.

As ações desta turma se mostraram benéficas para o processo de interação social, ou seja, ela mediou a todo o instante as relações que ocorreram na sala de aula, a fim de minimizar os conflitos existentes neste ambiente. Mesmo com esses conflitos ou “barreiras”, ela buscou alternativas para trabalhar com os alunos as diferenças e o respeito mútuo, fez uso de práticas pedagógicas para facilitar o entendimento dos alunos sobre discriminações, preconceitos, diversidade, escutou a opinião dos alunos, o que também promoveu nesse sentido a construção da autonomia do indivíduo, a interação positiva com o meio vivenciado, a conhecer a si mesmo e também ao outro.” Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do

outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”.(FREIRE, 1996, p.119).

Pelos acontecimentos existentes no 4º ano C, analisa-se que a professora desta turma também buscou, ao seu modo, minimizar as situações conflitantes em sala de aula, evitando maiores dificuldades no ambiente de estudo.

A maneira com que a professora escolheu os alunos para irem embora para casa é um ponto importante para o objeto de estudo, pois é possível identificar que devido a esta situação, mesmo que em sala ela tenha um relacionamento positivo com seus alunos, nas observações foi possível perceber que ela utiliza a sua “autoridade” enquanto professora para fazer com que os alunos fiquem “disciplinados” em sala de aula, ou seja, os alunos da fileira mais quieta durante as aulas saem primeiro para irem para casa.

Nesta sala, o diálogo existe entre professor e aluno, porém, acontece de uma forma mais restrita, sendo que normalmente os alunos que perguntam, questionam e participam das aulas, na maioria das vezes, são os mesmos, deste modo diga-se que ocorre a marginalização de alguns alunos em sala de aula, ou seja, aqueles alunos que por algum motivo, preferem silenciar-se do que participar.

Torna-se urgente escutar suas falas, venham em forma de indisciplinas, de desatenção, ou de condutas desviantes, ou venham em forma de corpos atentos e disciplinados. Com essas falas corpóreas estão obrigando-nos a mirá-los com novos olhares e a ter outras posturas perante seus quietos ou irrequietos corpos infantis e até seus explosivos corpos adolescentes e juvenis. (ARROYO, 2004,p. 123).

Diante do que foi citado por Arroyo (2004, p.123), o professor necessita estar atento ao que os alunos expressam, mediante suas falas e também ao que se diz ao seu silêncio. Mesmo que em determinados momentos o silêncio seja importante no ambiente da sala de aula, também existem momentos em que é imprescindível a fala dos alunos, o diálogo com eles e entre eles.

Neste sentido, o professor precisa a todo o momento estar se autoavaliando, reconhecendo suas falhas e buscando uma melhoria seja no que for preciso, e também avaliar como está o seu relacionamento com alunos, se a interação daquela turma e com aquela turma está fluindo de maneira positiva. Muitas

vezes, o professor tenta colocar “ordem” em sala de aula, mas dependendo a sua atitude, esta “ordem” pode acabar virando uma aula em que ele fala e os alunos escutam.

A professora do 4º ano C mostrou adotar em suas aulas o método de leitura silenciosa em determinadas ocasiões, como no caso do “Projeto Monteiro Lobato”, em que os alunos liam um livro do autor e retiravam dela palavras que eles não conheciam o significado. Neste ponto, acredita-se que seja importante a leitura silenciosa em determinados momentos, porém, também, é importante o professor saber o que os alunos estão entendendo da leitura, quais as dúvidas, interrogações, a interpretação da leitura.

Em um todo, as observações realizadas no 4º ano C foram proveitosas, porém diferente das observações realizadas no 4º ano A, percebe-se que a professora dessa turma se mostrou mais sintética, ou seja, ela em certos momentos interferia para que os alunos não se agredissem verbalmente, procurava responder as questões levantadas por alguns alunos, ser amiga deles, mas sempre agindo de maneira sintética, ou seja, clara, rápida e objetiva.

No que se diz respeito a trabalhar com alternativas para a superação das discriminações e preconceito em sala de aula, a professora entrevistada para que as situações mediante a essas palavras fossem minimizadas, dialogava com eles, explicando o porquê do respeito com o outro. A mesma adotava uma postura positiva em sala de aula, ou seja de facilitar a conscientização dos alunos para adquirir o respeito mútuo, e mais uma vez ir minimizando as discriminações e preconceitos existentes em sala de aula, em situações ocorridas nesta turma, ou seja, agressões verbais que expressavam o preconceito nas palavras, e por consequência fazendo-se surgir as discriminações em relação a cor da pele, estatura, cabelos, comparações com animais e entre outros estereótipos.

De modo geral, apesar das situações que surgiram nas aulas, como as discussões entre os alunos, e as atividades dos dias observados que não tiveram como foco utilizar as ideias expressas pelos alunos para complementar as aulas, acredita-se que as observações nesta turma foram importantes, já que é necessário para este estudo de pesquisa ter um olhar sobre um todo, ou seja cada professor possui uma identidade profissional, cada um possui o seu jeito de ministrar as aulas.

Portanto, ambas as professoras apresentaram suas características quanto à sua identidade profissional, sendo a primeira considerada mais dinâmica, espontânea e a segunda mais sintética e mais restrita em suas ações. Porém, as duas demonstraram utilizar seus conhecimentos, experiências e metodologias, buscando alternativas para trabalhar as diferenças com seus alunos, mostrando a eles que elas existem e precisam ser respeitadas, utilizando um método, um caminho muito importante para que a interação social aconteça de forma positiva, sendo ele o diálogo.

Com o auxílio do diálogo, da comunicação, a interação em sala de aula se torna benéfica entre professor e aluno e aluno/aluno. Desta forma, todos os sujeitos envolvidos nessa dinâmica da interação social passam a conhecer melhor os sujeitos a sua volta e a si mesmo, e ao mesmo tempo sentem-se a vontade para revelarem o que pensam, sentem, conhecem e desconhecem. “ Quando os mestres se revelam, também estes se revelam a seus mestres”. (ARROYO, 2004, p. 82).

3.2 Conhecendo ideias

Ao terminar a observação a campo, outro método para se colher dados para este estudo foi por meio de questionário, aplicado às duas professoras responsáveis pelas turmas observadas. A elas, foi dado um tempo de uma semana para responder o questionário, já que ele foi baseado com sete questões subjetivas.

Na primeira questão: “O que você entende por interação social?”, a professora do 4º ano A respondeu? “Entendo que é o relacionamento entre indivíduos por meio do contato e comunicação. Ou seja, nós, seres humanos, sentimos a necessidade de nos interagirmos uns com os outros para poder reconhecer e desvendar o mundo em que vivemos. Nenhum ser humano é feliz sozinho”. Quanto a resposta da professora do 4º ano C: “ Interação social é saber se relacionar com outras pessoas na sociedade em que se vive. Respeitar e ser respeitado.

De acordo com as respostas, apresentadas pelas professoras, pode-se analisar que ambas contribuíram para o esclarecimento do tema de pesquisa, e que elas mostraram-se capazes de entender o que é interação social e a sua importância para o desenvolvimento do ser humano.

Na segunda questão: “Enquanto professor(a), como você trabalha com seus alunos o respeito mútuo?”, a professora do 4º ano A respondeu: “Primeiramente através do diálogo, isto é, conversando com eles o porquê de respeitar o próximo. Aplicando atividades dinâmicas que abordam o respeito mútuo entre eles. Trabalhando com textos reflexivos também é uma ótima ideia para mostrar a eles a importância de respeitar e ser respeitado numa sociedade. Entre outras...”.

Volta-se mediante resposta acima a um ponto primordial para que a interação social positiva aconteça, o diálogo, que é um meio de comunicação e interação com o outro, e que os professores necessitam utilizá-lo em favor do respeito para com o outro, do reconhecimento das diferenças, do entendimento do “outro” e de si mesmo.

Percebe-se que a fala da professora está em consonância com a forma de trabalhar, comparando a resposta sobre a questão acima, analisa-se, por meio das observações realizadas na turma em que ela ministra suas aulas, que a mesma realmente utiliza textos reflexivos e utiliza atividades dinâmicas que proporcionam aos alunos o conhecimento das diferenças, o porquê delas existirem e a importância de respeitar cada sujeito, para poder então também ser respeitada.

A professora do 4º ano C respondeu: “Com textos reflexivos. Muita conversa e atividades em grupo”. Mais uma vez o diálogo aparece como primeira alternativa para trabalhar o respeito mútuo com os alunos, deste modo não resta dúvida a importância dessa forma de comunicação para o sujeito se relacionar com o mundo a sua volta. Porém, nas observações, não foi possível analisar nenhuma atividade em grupo, ou alguma outra atividade em que todos os alunos dialogassem entre si e/ou com a professora.

Na terceira questão: “Para você o que significa a palavra diferenças?”, a resposta da professora da primeira turma observada foi: “Nenhum ser humano é idêntico ao outro. Seja em pensamentos, atitudes, cor, inteligência, trabalho, dinheiro... Até porque o mundo não teria graça se fôssemos todos iguais. O problema é que essas diferenças geram conflitos dentro de uma sociedade. Isso talvez se deva ao fato de não entenderem o que é diferença e o que é ser diferente. Acha difícil aceitar as diferenças e aí surgem os preconceitos. Para mim, ser

diferente talvez seja aceitar as diferenças. É mostrar que você pode ser você mesmo e aceitar as coisas como elas são criadas”.

Com a resposta sobre esta terceira questão, verifica-se que a concepção que a professora tem por diferenças, assemelha-se à maneira com que ela trabalha com os seus alunos esta questão.

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a intelegibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. (FREIRE, 1996, p. 38).

No momento em que a professora utilizou os métodos escolhidos por ela, dialogando por intermédio deles com seus alunos, ela não impôs a eles algo propriamente dito, ela mostrou aos mesmos o caminho, seja baseado em textos reflexivos, e outras práticas pedagógicas utilizadas, e/ou com relatos e fatos abordados por seus alunos em sala de aula, pois, muitas vezes, uma frase preconceituosa, e uma notícia fornecida por um aluno, pode propiciar uma discussão proveitosa e enriquecedora.

A professora da segunda turma observada respondeu: “É o que não existe de comum entre as pessoas e os objetos”. A professora do 4º ano C mostrou ser, tanto nas respostas das questões, quanto em seu modo de agir no ambiente da sala de aula, objetiva e sintética. Ela abordou nas respostas o que pensa e como faz em sala de aula. Esta interpretação se deu com o auxílio das observações realizadas e pelo questionário.

Com as respostas, pode-se diagnosticar que as professoras suplementam algo muito importante para esse estudo, já que as mesmas defendem em suas respostas que as diferenças individuais existem. Mas o que chama atenção na resposta da primeira professora, é que ela demonstra em sua resposta outra questão de suma importância e que é interessante ressaltar, as diferenças individuais existem, e os sujeitos precisam saber disso, e além de saber, respeitá-las, já que no cotidiano depara-se a todo momento com as diferenças e o diferente.

A quarta questão: “O que você entende por preconceito?”, a primeira professora respondeu: “A palavra já fala por si: PRÉ-CONCEITO/, ou seja, um

conceito antecipado de alguma coisa ou pessoa. As pessoas têm preconceitos de cor, raça, religião, sexo, profissão, deficientes físicos e/ou mentais. Acho isso muito triste! É um absurdo saber que nos dias atuais ainda exista tanto preconceito. O preconceito é causado pela ignorância, isto é, o não reconhecimento do outro que é diferente”. A segunda professora respondeu: “Preconceito é discriminação de algo diferente que possa haver entre as pessoas sem conhecer, sem saber”.

Nesse contexto, entende-se que, o preconceito surge pelo não reconhecimento do outro como diferente, por não respeitar sua individualidade, os valores, as crenças, os pensamentos, a cor da pele, a cultura, discriminando o diferente pelas diferenças.

Quinta questão: “Quais práticas existentes em sala de aula você considera preconceituosas?”. A professora do 4º ano A respondeu: “Alguns professores tomam posturas discriminatórias em relação às formas de falar que se desviam da norma de prestígio no desenvolvimento linguístico do aluno”. Professora do 4º ano C: “Brigas, chingos e discriminação. Comparações execivas (sic)”.

Existem exemplos de práticas preconceituosas diferentes, ou seja, a primeira situação envolve a atuação do professor enquanto preconceituoso, e a segunda se volta ao comportamento dos alunos em sala de aula. Esses exemplos, mostram que o preconceito está presente no ambiente escolar e que é importante o professor rever sua postura em relação a certos atos que podem vir a causar a discriminação em sala de aula, e ao mesmo tempo mostrar aos alunos que as práticas preconceituosas são negativas para todos os envolvidos, e que elas, mesmo que gradativamente, precisam ser abolidas do mundo em que se vive. Desse modo, as interações sociais poderão se tornar positivas e prazerosas para todos os indivíduos.

Sexta questão: “Como você considera o relacionamento com seus alunos? Justifique sua resposta.” Para essa questão, a professora da primeira turma observada respondeu: “Ruim.(Entre eles) Aluno X aluno. Pois já carregam uma bagagem *defazada* de educação e boa conduta perante os amigos de sala. Qualquer coisa é motivo para se estranharem e se agredirem verbalmente e até fisicamente. Não sabem que é através de um diálogo que se pode resolver os problemas”.

A fala da professora condiz com as ações observadas em sala de aula. Os alunos realmente se agrediam verbalmente e até fisicamente com “brincadeiras” e ela sempre que possível procurava minimizar os conflitos interferindo com o diálogo. “Somente entenderemos as trajetórias escolares dos seus habitantes se entendermos seus contextos concretos de vida, fora da escola, penetrando sem pedir licença nas salas de aula”. (ARROYO, 2004, p.96).

É imprescindível que o professor tenha essa visão em sala de aula, pois cada sujeito ali presente possui uma trajetória de vida, uma realidade fora da escola, uma história. Portanto, o professor tende a agir quando necessário, gradativamente penetrando no “universo” individual desses sujeitos, por meio do diálogo, de intervenções pedagógicas, combatendo os conflitos que tendem a prejudicar o relacionameto com os outros sujeitos.

Dando continuidade a sua resposta, a professora relatou: “Quanto a mim, (minha relação com eles) é boa. Procuro conversar com os alunos que se envolvem em conflitos e expor à eles qual o melhor caminho a se tomar diante dessas situações. (Conversando, fazendo as pazes, ignorando certas provocações)”.

A professora da segunda turma observada respondeu: “Muito bom. Procuro antes de tudo ser amiga de meus alunos”. Nota-se que existem diferenças entre as respostas e a postura da professora em sala, pois para ela o relacionamento com os alunos está sendo bom, ela se considera amiga dos alunos, mas será que ela avaliou todas as circunstâncias? Esta é uma análise muito importante que o professor necessita fazer, observando e refletindo sobre a sua prática, a sua atuação. Partindo desse ponto de vista é importante por parte do professor:

Ver os alunos não como inimigos que invadiram novos castelos, disputando os estreitos espaços de nosso poder, as salas de aula, as disciplinas e os controles, mas vê-los como cúmplices à procura de uma visão mais histórica e real dos processos de socialização e aprendizagem. (ARROYO, 2004, p. 134)

Uma das professoras arriscou-se mais, expondo até como ela considera o relacionamento entre seus alunos, e depois cita o dela com eles, a segunda professora expõe que seu relacionamento com os alunos da turma

observada é “Muito bom”, como disse ela, justificando que além de professora ela é amiga de seus alunos.

Na sétima e última questão: “Cite uma prática pedagógica que proporciona a interação social positiva em sala de aula.”. A professora do 4º ano A respondeu: “Há vários tipos de práticas pedagógicas que proporcionam a interação social que podem ser aplicadas no decorrer do ano em que o professor é o mediador. O professor pode levar para sala diversos textos de reflexão que abordam os temas: respeito mútuo, preconceito, entre outros temas relacionados. É importante criar um ambiente tranquilo para a leitura dos mesmos. (Pode-se até colocar um CD de trilhas sonoras de relaxamento para ir tocando durante a apresentação). Fazer uma leitura dramatizada levando os alunos a refletirem. Após a leitura, os alunos têm a liberdade de exporem suas ideias... Então aplica-se as dinâmicas de motivação, reflexão... que levem os alunos a interagirem entre si, respeitando as diferenças.

Com isso, pode-se trabalhar com oficinas de escrita, teatros, músicas, entre outras atividades criativas e inovadoras. Exemplo de textos: O cahorrinho manco/ O porco espinhudo. Exemplo de livros: Deus me ama como sou/ Ninguém é igual a ninguém/ Tudo bem ser diferente. Exemplo de dinâmicas: Dinâmica da caixa de bombom. Obs: Para complementar, o professor pode pesquisar alguns filmes sobre temas e passar para os alunos. Com eles criar atividades de exploração dos mesmos”.

Foi possível presenciar tanto nas observações realizadas no 4º ano A, além de analisar o que a professora colocou no questionário, que ela utiliza em sua aulas textos reflexivos, como a mesma citou. Aliando a prática com a sua conscientização sobre a importância do ato de ler textos que permitam os alunos a refletirem sobre o contexto, sobre suas vivências. Quanto a este contexto, Freire (2000, p.11) ressalta que: “ Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Esta professora deixou em evidência sua forma de trabalhar em sala, colocando exemplos de práticas pedagógicas utilizadas por ela, além de ressaltar a importância dos alunos exporem as suas ideias, interagindo entre si, ou seja, aprendendo um com o outro.

A resposta da professora do 4º ano C: “Trabalho em equipe, *onde* um deve ajudar o outro”. A professora citou algo que, mais uma vez ressalta-se não ter sido possível presenciar nos dois dias observados em sua turma, o trabalho em equipe.

Contudo, as práticas pedagógicas abordadas demonstram como as professoras interferem no processo de interação social para que o mesmo aconteça de maneira positiva e considera-se, portanto, que as respostas foram de suma importância para este estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível analisar que a interação social acontece, seja ela positiva ou negativa, e está presente no cotidiano, em especial, nas salas em que foram realizadas as observações que contribuíram para este objeto de estudo. Nesse sentido, é possível averiguar que existem algumas dificuldades no processo de interação social, causando a marginalização em sala de aula, fazendo com que ela venha a ser negativa, como alunos que não participam das aulas, que ficam em silêncio quando alguma pergunta é feita, que não compartilham o que pensam o que sentem o que lhes causam dúvidas, ou seja, que apenas escutam.

É imprescindível que o professor reflita sobre essas questões e atue sobre elas a fim de melhorar as situações, para que a interação social passe a ser positiva, pois se o professor media as relações, as circunstâncias vão ao encontro da esperança de superar as dificuldades que prejudicam as relações, as comunicações.

Buscando práticas pedagógicas para trabalhar com a superação da interação social negativa, pode-se proporcionar uma interação social positiva, ultrapassando as “barreiras” encontradas como a marginalização, a discriminação, o preconceito, que fazem parte do cotidiano escolar. Práticas essas, que se forem bem elaboradas e exercitadas pelo professor facilitarão a conscientização do respeito mútuo, enxergando que as diferenças existem e que devem ser respeitadas.

Neste trabalho de pesquisa, foi possível analisar algumas das práticas pedagógicas que contribuem para atuação do professor em sala de aula,

como, por exemplo, a utilização de textos que possam ser dialogados com os alunos, ouvindo o que eles têm a dizer, e relacionando o conteúdo dos textos com suas experiências e vivências, assim também como o professor pode compartilhar com seus alunos seus conhecimentos e experiências.

Além da contribuição de textos, por meio das observações e dados expressos nos questionários aplicados às professoras, foi possível ter como exemplos de práticas pedagógicas; o auxílio da música em determinados momentos em que o professor acredita ser apropriado, criando um clima mais agradável em sala de aula, dinâmicas em grupo que proporcionam a interação, leituras dramatizadas fazendo os alunos refletirem, oficinas de escrita, teatros, filmes, trabalhos em equipe, em duplas e várias outras atividades criativas e inovadoras as quais o professor pode estar recorrendo a fim de contribuir para que ocorra uma interação social positiva entre e com seus alunos.

Contudo, antes de utilizar práticas inovadoras em sala de aula, é importante que exista o diálogo entre professor e aluno e aluno/aluno, pois o diálogo é uma forma de comunicação, de ouvir o outro, de tentar entendê-lo, de conhecer experiências e de refletir sobre as concepções enquanto sujeitos históricos e culturais.

Quando o professor está em sala de aula, é necessário que ele compreenda que cada aluno possui uma história, uma cultura, um conhecimento de mundo, portanto, gradativamente ele precisa ir conhecendo os seus alunos, ir se aproximando deles, e por meio dessa atitude, trabalhar com eles fatos relacionados ao seu contexto, desenvolvendo a construção da autonomia dos mesmos.

Este estudo se faz importante para que os professores reflitam sobre a sua prática e atitudes com e perante seus alunos. Adotar essa conscientização a respeito de si mesmo é imprescindível para a vida de qualquer sujeito, em especial, nos referimos neste trabalho de pesquisa ao professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Chico. Educar é humanizar. In: GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico (Org.). **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes. 2001.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas. Trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 33-138.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica.** Um guia para a iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Conscientização.** teoria e prática de libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001.p.67-100.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARPER, Babette et al. **Cuidado Escola!** : desigualdade, domesticação e algumas saídas. São Paulo: Brasiliense, 2003.

NOVASKI, Augusto João Crema. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. in: MORAIS, Regis de (org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** Campinas, SP: Papyrus, 1986, p. 11-15.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia.** 24.ed. São Paulo: Ática. 2000, p.23-46.

OUTHWAITE, William. BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996. p.391-392.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005, p.15-34.

REGO, Teresa Cristina R. Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola:** alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus, 1998. p. 49- 71.